

NOTAS ETNOGRÁFICAS DAS VIAGENS DE FUGA DOS INDIOS.

Qual o lugar das mulheres afrodescendentes no ritual às Romaria de Finados em Juazeiro do norte- ce.

Janaina Felix Julio

O objeto de investigação da presente pesquisa consiste na observação e descrição dos rituais¹ dos índios Pankararu no contexto das romarias de Juazeiro do Norte, com o olhar voltado para a força da mulher dentro do ritual. Interessa compreender por que os Pankararu realizam peregrinações saindo de suas aldeias em direção à cidade de Juazeiro do Norte. Nesse sentido, entender os significados desse deslocamento a partir de uma leitura etnográfica que privilegia a própria interpretação Pankararu sobre a presença do grupo na cidade, ancorada em metodologias que utilizem também recursos de produção visual (além do vídeo, narrativas fotográficas) como estratégia descritiva na perspectiva de uma “antropologia compartilhada” (Rouch, 2003; Gonçalves 2008).

Segundo a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), a demografia pankararu estima o número de 3676 índios, distribuídos em 12 aldeias localizadas no estado de Pernambuco ao longo do Rio São Francisco, entre os municípios de Brejo dos Padres e Petrolândia. Falantes da língua Tupi Guarani até meados da década de 30, os Pankararu foram desencorajados progressivamente de se comunicar no próprio idioma com a intensificação do contato com o “mundo dos brancos”.

Sabendo, de antemão, que a presença pankararu é sistemática dentro do ciclo anual das romarias de Juazeiro, o interesse desta proposta de investigação se localiza no quadro da etnologia dos grupos indígenas do Nordeste, amparada numa atenção dirigida ao “ponto de vista nativo” sobre as relações de identidade/alteridade manifestas nas diversas formas de ser e estar no mundo na perspectiva indígena (Geertz, 2006). No caso desta pesquisa, o levantamento de dados circunscreve-se principalmente no significado da peregrinação e rituais realizados pelos índios nas romarias de Juazeiro do Norte, e qual o lugar a mulher ocupada dentro da prática ritualística.

Numa pesquisa exploratória, para avaliar a viabilidade do tema e objeto de investigação tomei conhecimento sobre a chegada dos Pankararu à Romaria de Finados,

¹ Em princípio, não se pode afirmar se as peregrinações dedicadas ao Padre Cícero são parte do xamanismo pankararu, este é um tema que interessa a nossa investigação.

na cidade de Juazeiro do Norte-Ce². Durante esta observação preliminar, foi enunciado num ritual chamado *toré* a presença de *encantados*³. Este ritual, realizado no Santo Sepulcro, espaço devocional localizado na Colina do Horto do Padre Cícero, onde diversos grupos se encontram para o cumprimento de promessas entre outras práticas rituais.

No mundo das romarias de Juazeiro do Norte, tradicionalmente mobilizadas por uma crença situada no universo cristão católico, surgem perguntas a propósito do sentido da prática ritual Pankararu neste espaço devocional, isto é, por que estes povos indígenas viajam até Juazeiro do Norte para realizar suas práticas rituais? Qual o lugar de Juazeiro do Norte e do Padre Cícero dentro destes rituais? E sobretudo porque nos rituais as mulheres sempre ocupam uma posição inferior aos homens, a comparação perpassa mais de 500 anos de tradição, qual ao posicionamento das mulheres em relação à prática do *toré* e como elas se percebem, quais são seus posicionamentos sobre o lugar destinados à elas? Já que uma das figuras centrais de tal prática é a madrinha Dodô?

Além do mais, a questão dos povos indígenas situados no Nordeste merece atenção pois suas especificidades étnicas demandam cumprimento de agendas políticas por parte da gestão pública, tais como o direito à terra, saúde, educação e o reconhecimento/valorização de suas práticas religiosas.

Deste modo, a pesquisa pretende produzir um estudo etnográfico que aponte o lugar e o significado da romaria de finados na cosmovisão Pankararu, assim como a relação da cosmologia indígena para com o mundo cristão católico através da mediação deste agente imprescindível que é o Padre Cícero Romão Batista esperando assim que, ao mesmo tempo em que se revele os significados culturais produzidos no universo indígena, amplie-se a compreensão dos significados das romarias e os estilos de crença relacionados ao Padre Cícero e a madrinha Dodô.

Maria das Dores, popularmente conhecida como Madrinha Dodô, romeira que fazia trabalhos comunitários de solidariedade e caridade, peregrinava pelo Nordeste, transformando-se, ao longo do tempo, numa importante líder religiosa. De Santa Brígida-Pe (1946) para Juazeiro do Norte- Ce, permaneceu até sua morte (1998). É importante observar a conexão, pois Madrinha Dodô, por meio do ritual praticado pelos indígenas

² Juazeiro do Norte-Ce, localizado 499 KM da Capital; Fortaleza-Ce.

³ De acordo com a literatura, o *toré* é um ritual religioso recorrente entre os índios do Nordeste. Nele são agenciados seres intangíveis (encantados), mediadores enunciados na construção da cosmovisão desses grupos (Grunewald, 2005).

estendeu forças religiosas não apenas aos espaços consagrados ao Padre Cícero, mas constituiu ao seu em torno multiplicidades de conexões com outros mundos religiosos.

Traduzir a necessidade dos índios Pankararu em ir ao Santo Sepulcro é refletir o motivo dessa obrigação nesse lugar que era da preferência do “Padim Ciço” para se isolar, fazer suas orações em tempos de angústias e sofrimento. Padre Cicero teria produzido este lugar que se perpetuou como espaço de revelações, penitências e rezas.

Desse modo, a investigação da presente pesquisa consiste na observação e descrição dos rituais⁴ dos índios Pankararu na contemporaneidade e papel da mulher pankararu no ritual. A intenção, portanto, é compreender essa obrigatoriedade dos Pankararu nesse ambiente sagrado, onde as pedras (uma topografia sagrada) que lá existem pontuam o ambiente rico de analogias bíblicas experienciadas como espaço de penitências e provas de fé. Porque a visita dos romeiros Pankararu nesse ambiente é indispensável?

Como bem nos assegura Maurício Arruti (1996), o *toré* é um rito que evoca forças de um universo mágico e sagrado. Deste modo, realizar o ritual do *toré* implica em muitas horas de danças entre os índios Pankararu vivenciadas por intermédio dos encantamentos presentificando a tradição. O *toré* é o centro complexo ritualístico dos Pankararu onde os *encantados*, agentes espirituais, e, emergem enquanto entidades centrais dentro desta ordem cosmológica. O repertório de cânticos e ritos do *toré* é seguido por cantos entoados frequentemente como fontes de poder. Assim, a performance corporal do *toré* se realiza através de movimentos que definem e operam mesmas conexões corporais com a música em rituais extraordinários, elementos considerados “sagrados”. Desse modo, a denominada “toante” ou “*toré*”, na perspectiva sagrada o *toré*, é a profundidade de evocação destes *encantados*. A tradição dos índios Pankararu em Juazeiro do Norte expressam a fé e os valores no Padre Cicero e Madrinha Dodô, onde fortalecem suas identidades com o sagrado em seu universo encantado.

Analisar o trajeto do rito de passagem do *toré*, é refletir com Priscila Matta (2005) o rito e a penitência que permeiam as práticas de sociabilidade executadas durante o ritual no local mais alto da cidade, é um complexo suscetível à análise. É indispensável investigar as teias de relações que encorajam a seriedade moral entre o ritual do *toré* e a significação da imediação com o além, isto é, com os mortos. A ladeira do Horto é palco

⁴ Em princípio, não se pode afirmar se as peregrinações dedicadas ao Padre Cícero são parte do xamanismo pankararu.

para os índios Pankararu que trafegam em ritual como uma distração visual fotografável entre a multidão de romeiros nos principais eixos de peregrinação católica, como o Santo Sepulcro a estátua do Padre Cicero que move Juazeiro do norte-Ce.

A perspectiva parte do heterogêneo culto ritualístico em movimento de círculo na estátua do Padre Cicero, e na igreja construída em cima de uma grande Pedra no Santo Sepulcro, local considerado enigmático. É relevante interpretar o porquê desse simbolismo ritualístico intrínseco nas viagens de fuga dos índios Pankararus *encantados*, à Juazeiro do Norte-Ce, como “(...) tentativa de compreender algo desse processo social total de integração e interdependência” (TURNER, 1974, p.27). O propósito é refletir o cotidiano religioso baseado em observações no reencontro e suas obrigações em fugir anualmente para Santo Sepulcro na aurora.

O processo da penitência consiste no pagamento de promessas, motivação principal dos romeiros Pankararu que enfrentam viagens anualmente de Santa Brígida a Juazeiro do Norte com elevada valorização ao Padre Cicero, o beato Pedro Batista, e a beata Madrinha Dodô. Esses personagens refletem autoridade moral, empenho e dedicação em assuntos religiosos, suas manifestações são executadas e definidas como “dotes mágicos”. Para Claudia Mura (2010) quanto maior o sacrifício durante a romaria, maior a graça “merecida”. Frente a essa pluralidade, as narrativas simbólicas desses personagens intercalam-se ao catolicismo popular baseados em rezas, benditos.

Este trabalho, tem por preocupação refletir qual importância o sistema ritual do *toré* e suas nas narrativas míticas de um universo simbólico que permite pensar, o que autor (GOLDMAN, 2014) definiu de agenciamentos entre “afrodescendentes” e “ameríndios”. Conceitos utilizados com a intenção de pensar a formação dos índios ao longo dos séculos XVI e XVII.

Os índios do Nordeste passaram, por um processo que lhes promoveu um conjunto heteróclito, concentrando forças trazidas pelos africanos, para as américas juntamente com as missões jesuíticas, e todo o processo de miscigenação em maior ou menor grau gerando infinidades de variantes religiosas e unificando os cultos sagrados. A partir desse mecanismo, as diversas funções e elaborações se situam na noção mitológica, religiosa, epistemológica, ontológica, cosmológica, antropológica, conceitos utilizados para mapear premissas, extraídos a partir de observações dos discursos dos nativos. Articular essa fundamentação teórica é lançar mão de categorias elementares nas funções sociais dos ritos dos “índios misturados”.

REFERENCIAL TEORICO

GONÇALVES, Marco Antonio. ***O real imaginado: etnografia, cinema e surrealismo em Jean Rouch***. Rio de Janeiro, 2008

GEERTZ, C. A **interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978

ARRUTI, José Maurício. **O Reencantamento Do Mundo: Trama Histórica e Arranjos Territoriais Pankararu**. Rio de Janeiro: Museu Nacional: 1996.

MATTA, Priscila. **Dois elos da mesma corrente**: Uma etnografia da corrida de imbu e da penitência entre os pankararus. São Paulo: 2005

TURNER, Victor W. 1967. **The forest of symbols: aspects of Ndembu Ritual**. Cornell University Press. Ithaca, New York.

MURA, Claudia. **“Todo Mistério tem dono!”: Ritual, política e tradição de conhecimento entre os Pankararu**”/ Claudia Mura – Rio de Janeiro, UFRN, PPGAS, Museu Nacional, 2012

GOLDMAN, Marcio. 2014. **“A relação afroindígena”**. Cadernos de Campo 23(23): 213-222.

_____. 2015. **“Quinhentos anos de contato: por uma teoria etnográfica da (contra) mestiçagem”**. Mana, 21(3), 641-659

PACHECO DE OLIVEIRA, João. **Uma etnologia dos “índios misturados”? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais**. Rio de Janeiro: Museu Nacional: 1998